

Resenha

Liberdade e vigilância nas comunicações: reflexões cypherpunks acerca do contexto atual

Freedom and surveillance on communications: cypherpunks reflections about the current context

ASSANGE, J.; APPELBAUM, J.; MÜLLER-MAGUHN, A.; ZIMMERMANN, J. 2013. *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. São Paulo, Boitempo, 168 p.

Mateus Pranzetti Paul Gruda¹
mateusbeatle@yahoo.com.br

Julian Assange, fundador do WikiLeaks, inicia "Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet", seu primeiro livro lançado no Brasil, publicado pela editora Boitempo no dia 1º de fevereiro de 2013 (mesmo dia em que Assange completava à época 778 dias de decretada a sua prisão domiciliar pelo governo britânico, sem qualquer acusação formal contra ele, e quando fazia 228 anos que Jeremy Bentham concebera a ideia do panóptico, tal como pontuado na última página da obra), afirmando que este não é um manifesto, mas sim um alerta à humanidade. Ao percorrermos os capítulos e páginas, que basicamente são um registro da troca de ideias entre Assange e seus companheiros, Jacob Appelbaum, Andy Müller-Maguhn e Jérémie Zimmermann, entendemos o porquê de tal assertiva.

O mundo contemporâneo mergulhado na chamada sociedade da informação em que vivemos (Polizelli e Ozaki, 2008), no qual as possibilidades comunicacionais e de conexões se aperfeiçoam e se amplificam de maneira ultraveloz, o que igualmente indica consequentes ampliações na liberdade de expressão e de circulação de informações, não deveria ser total e cegamente defendido e celebrado. O aumento exponencial da vigilância e do controle por parte dos governos, dos departamentos de inteligência dos Estados e das empresas privadas a eles associados, denunciado em "Cypherpunks", de fato, é algo que faz acender a luz vermelha de um sentimento paranoico inevitável frente à completa ausência de privacidade e de liberdade neste mundo integrado, sobretudo pela internet e pelas operações/comunicações eletrônicas.

Como exemplos, o dado apresentado de que *todas* as ligações telefônicas realizadas e recebidas em um ano, bem como as mensagens de texto trocadas via celular, podem ser armazenadas eternamente a um custo relativamente baixo para os governos, ou a pergunta retórica de Andy Müller-Maguhn: "Vocês sabem que busca fizeram [na internet há] dois anos, três dias e quatro horas atrás?", para a qual o próprio responde: "Vocês não sabem, mas o Google sabe" (Assange *et al.*, 2013, p. 71), são fatos no mínimo estupefacentes que corroboram a citada paranoia de estar sendo acompanhado e vigiado a todo instante pelas instituições de

¹ Doutorando em Psicologia/UNESP – Assis. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Av. Dom Antonio, 2100, 19806-000, Assis, SP, Brasil.

poder. Além disso, essas informações coletadas pelas empresas desenvolvedoras e mantenedoras dos serviços de busca ou das redes sociais podem ser repassadas integralmente aos governos, inclusive, sem que sequer os usuários-vítimas fiquem sabendo (os próprios colaboradores do WikiLeaks relatam terem passado por este tipo de situação). O curioso é que, por vezes, tais empresas se neguem a colaborar com a investigação de delitos, como nos casos de pedofilia, ou de torcedores de futebol que marcam suas batalhas pelas redes sociais, alegando exatamente a cínica impossibilidade de quebrar a privacidade de seus usuários.

Para dissecarmos brevemente a estrutura do livro, este se inicia com a definição de *cyberpunk*, termo que foi incluído em 2006 no *Oxford English Dictionary* e que une as palavras *cypher* (escrita cifrada em inglês) e *punk*, e com um texto de apresentação da obra pela jornalista brasileira Natalia Viana, codiretora da Agência Pública e uma das responsáveis pela divulgação em português de um grande volume de documentos de embaixadas e consulados estadunidenses no Brasil, que contextualiza rapidamente o surgimento da WikiLeaks, bem como das problematizações que a organização trouxe para o campo do jornalismo, enfocando a experiência vivida no país durante o chamado "Cablegate" (quando a organização de Assange iniciou a divulgação de um gigantesco volume de documentos secretos através de diversos e distintos canais de mídia – dos mais reconhecidos jornais impressos do mundo aos blog alternativos, para citarmos dois exemplos contrastantes).

Em seguida, há um prefácio escrito especialmente para a América Latina e um texto introdutório, ambos de autoria de Assange. Nestes escritos, ele denuncia o estado de supervigilância atual e defende os mecanismos de criptografia criados pelos *cyberpunks* como o meio mais eficiente à proteção da privacidade dos indivíduos no mundo das comunicações e operações eletrônicas globalizadas, as quais estão sujeitadas, dominadas e controladas pelas grandes corporações e agências de espionagem governamentais. O primeiro capítulo sumariza relatos de perseguição ao WikiLeaks e pessoas a ele associadas. Subsequentemente, temos dez capítulos que trazem o registro de conversas travadas pelos quatro autores na embaixada equatoriana em Londres, local em que Assange se encontra em asilo político desde que foi decretada sua prisão domiciliar no Reino Unido em dezembro de 2010 – ainda que não haja nenhuma acusação formal contra o criador do WikiLeaks. Ao longo das discussões surgem apontamentos e reflexões filosóficas sobre política internacional, os meios de comunicação atuais, censura, proteção de dados privados, privacidade, poderio econômico e militar dos Estados, dentre outros, sempre sob um olhar crítico e à luz do lema *cyberpunk*: "privacidade para os fracos, transparência para os poderosos" (o qual, inclusive, é título de um dos capítulos do livro).

Por tudo que é discutido ao longo da obra, é possível notar que o presente vivenciado na atualidade demonstra que a *sociedade de controle* descrita por Deleuze (1992), na qual a

vigilância, disciplina e controle social estão imiscuídos em cada um de nós e em nossas práticas comunicacionais cotidianas, uma vez que, a cada ligação telefônica realizada, postagem "curtida" e compartilhada pelas redes sociais ou email/mensagem de texto enviada, cada um de nós abastece o banco de dados das corporações e das agências de espionagem ou segurança dos Estados, entregando gratuitamente e sem resistência todos os nossos hábitos, pensamentos, desejos e relações sociais – ainda que concomitantemente coexistam fortemente mecanismos ancorados na *sociedade disciplinar* caracterizada por Foucault (2004), em que a vigilância é exercida pelo poder, sobretudo militar, do Estado, tal como diz o próprio Assange *et al.* (2013, p. 53) com relação à militarização do ciberespaço e interceptação das práticas comunicacionais cotidianas: "é como ter um tanque de guerra dentro do quarto. É como ter um soldado entre você e a sua mulher enquanto vocês estão trocando mensagens de texto" –, nunca esteve tão em curso, materializada e fortalecida, como podemos começar a perceber a partir deste valioso livro-conversa que é "Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet".

Para finalizar, vale ressaltarmos a potência em aspectos subjetivos e sociais dos atos radicalmente políticos empreendidos pela organização capitaneada por Julian Assange, os quais inverteram a lógica da relação dos indivíduos com a vigilância exercida pelo Estado, pois, como reflete Žižek (2014, s.p.):

[...] um ato político não apenas viola as regras predominantes mas cria suas próprias novas regras e impõe novos padrões éticos. O que até então tomávamos como autoevidente – o direito do Estado a nos monitorar e controlar – é agora visto como profundamente problemático; o que até então percebíamos como algo criminoso, um ato de traição – divulgação de segredos de Estado –, agora aparece como um ato heroico e ético.

Referências

- ASSANGE, J.; APPELBAUM, J.; MÜLLER-MAGUHN, A.; ZIMMERMANN, J. 2013. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. São Paulo, Boitempo, 168 p.
- DELEUZE, G. 1992. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: G. DELEUZE, *Conversações, 1972-1990*. São Paulo, Ed. 34, p. 219-226.
- FOUCAULT, M. 2004. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 262 p.
- POLIZELLI, D.; OZAKI, A. (eds.). 2008. *Sociedade da Informação: os desafios da era da colaboração e da gestão do conhecimento*. São Paulo, Saraiva, 258 p.
- ŽIŽEK S. 2014. O que é um autêntico evento político? *Blog da Boitempo*, 17 fev. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2014/02/17/zizek-o-que-e-um-autentico-evento-politico/>. Acesso em: 16/06/2014.

Submetido: 05/11/2014

Aceito: 13/11/2014